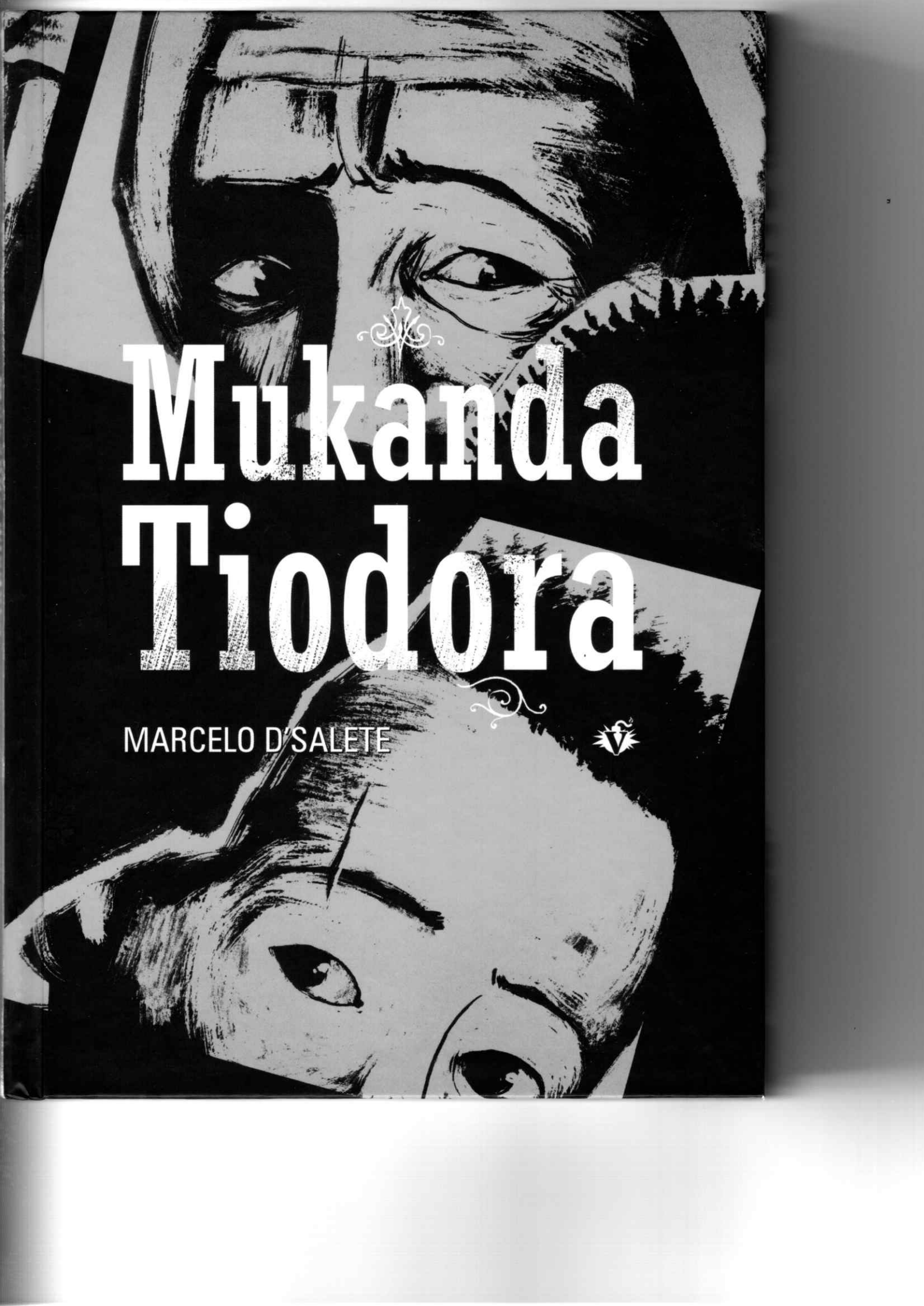




Mukanda Tiodora

MARCELO D'SALETE





Mukanda Tiodora



MARCELO D'SALETE

venera, 2022

São Paulo, 1866

Em meados do século XIX, São Paulo era uma cidade com espaços negros demarcados. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo foi criada formalmente em 1711. A igreja do Rosário foi parte relevante do território entre os rios Tamanduateí e o Anhangabaú, ao seu redor ocorriam celebrações com expressiva presença africana. O vale do Saracura era um local ocupado por muitas pessoas negras. Escravizados e livres conviviam pelas ruas da província e trabalhavam em diferentes ofícios – carregadores, lavadeiras, quitandeiras, domésticas, artesãos, barbeiros, sapateiros, tropeiros, carreiros, trabalhadores dos portos e oficinas, etc. Eles presenciavam a chegada dos estrangeiros, a circulação dos jornais e revistas, a movimentação dos estudantes da Faculdade do Largo São Francisco, a transformação e o crescimento de uma nova cidade.

Nas primeiras décadas do século XIX, a região do Vale do Paraíba e, posteriormente, o centro oeste e noroeste da província de São Paulo observaram o crescimento acelerado da produção de café. Tudo à base do trabalho de africanos escravizados, trazidos da região do Congo, Angola, Moçambique ou a partir do tráfico interno (principalmente do Nordeste). Nessa época, Campinas e Bananal tinham mais pessoas escravizadas do que livres. São Paulo registrava uma quantidade menor de escravizados, ocupando outros tipos de funções, muitas vezes ao lado de trabalhadores livres, mas era um número também expressivo. Para uma pessoa escravizada, era mais provável conseguir a alforria nas cidades do que no interior, nas fazendas de café, de cana ou de algodão.

Nas principais cidades, as pessoas escravizadas colocavam em prática suas estratégias, dentro de suas possibilidades e por vezes de modo tenso e muito conflituoso, para melhorar suas condições de vida contra os interesses de seus escravizadores (mais tempo para se dedicarem a suas roças, garantia de momentos festivos e/ou a manutenção do contato com seus entes mais próximos). Havia também quem buscava sua liberdade fugindo para os quilombos. Outros trabalhavam para amearhar um determinado pecúlio e, após muitos anos, comprar sua carta de alforria, às vezes com ajuda das irmandades ou de parentes.

Foi nesse contexto que Tiodora, uma mulher escravizada e analfabeta, pediu a Claro, outro escravizado, que escrevesse suas cartas. Tiodora pretendia reaver seus laços afetivos e comprar sua liberdade. Este livro inspira-se em suas mensagens.

Recb. D. Off. D. Terra a 12. agosto. D. 1864.

Intim. e an. out. D. Off. D. Terra a 12. agosto. D. 1864.

Attestado. D. Off. D. Terra.

170
192

Meu Senhor.

Eu tive hum amigo de noite vinha-me
eme falar, dizendo que tem price, arre
mucha que prohibe elevar-se para misto
terra esta coisa que fala, temigo dis
que eu muredo a qui não tempre
por mucha que não em enen. Dm. de
Copo e estrema. Co por meu foi como
pado deu ser vicia, pogue deos não que
que se aperte, logo de preta de pata, meu
Senhor. Cui exersado de de ajun
tas Co. e eu isto querde, me em que
no de delisa para eu tira imola
no domo go p. hielando p. rinho em

Transcrição das cartas

As transcrições destas cartas foram publicadas pela primeira vez em 1998 no livro *Sonhos africanos, vivências ladinas: escravos e forros em São Paulo (1850-1888)* de Cristina Wissenbach. As transcrições desta edição são quase iguais a do livro citado com exceção de algumas poucas palavras.

Carta 1 – Ao marido, sem data

Meu Marido Snr° Luis

Muito hei de estimar que esta va achar você esteije com saude que meu desejo você me mande contar para hande você esta morando quem me arematou foi um moço muito rico de campinas o homem chama Marciano quina eu fis uma pomeça em comgo você nao esta lembrado da pomeca que você que eu fis você não esta lembrado que você pai vedeu você para você se lembra da pomeça que me avisou de noite eu estava dormindo. Rainha tem companheiro de faser pomeça e não compir e agora ella esta persa no lmal e pariço facillital com santos e porico você veja que a rainha e máior do mundo e esta persa no mal e não pode se salvar porque São Bendicto perdeu ella no mar não pode se calvar e porico eu não facilito com santos eu espero hinda compir ainda que esteja com cabelos bracos sua Snro. dice que desfarcado de dar carta de forria de ajuntar o carsar responcado tambem de ajuntar casar ganhar dinheiro pagar o Seu Snro da cara de arfuria eu quero o casar junto e para não ganhar dinheiro e dispois emtão ganhar dinheiro pagar primeiro pagar a minha pomeca dispois para pagar sua senhoria senão fica como a rainha

Carta 2 – Ao marido

Meu marido luis,

S. Paulo 11 de agosto de 1866

Mumito ide istimar que Vnce.ce isteja com saude eu istou aqui na cidade eu vos iscrevo pa Vnce se lembra daquela promeça que nois fizemos eu heidi précura por vose mandou munto lembraça pa. vose e ajuntu um dinhero la sepuder vim falar com mingó venha senão puder me mande a reposta dinhero va juntando la mesmo se czo eu maranjar por aqui mando propio la

Dessa Vosça Muher Theodoria escrava do connio Terra que fui vindida na vacaria

[Sobrescrito]: Illmo Snr° Luis iscravo do defunto João rodrigo da Cunha
cidade da Limera

Carta 3 – Ao

Meu marido L
S Paulo [21?] d
Munito eu stin
mi a junta a g
cidade de S Pa
Teodora

Carta 4 – Ao

Illmo. Senhor
em são paulo
eu i hetima qu
V S mi faça o f
cunha
tiadora da cur
[Sobrescrito]:
pa

Carta 5 – Ao

Illmo. Senhor
Eu [vs?] hetim
bem para mi f
minha liberda
Solcrava sem
a Deus a Deus
sua mulhe
tiadora da cur
[Sobrescrito]:
s

Carta 3 – Ao marido, agosto de 1866

Meu marido Luis

S Paulo [21?] de agosto de 1866

Munito eu stima da sua saude como para mim deseio noto bem para Vm mi faça o favor de mi a junta a gum dinhero para mim eu ja temho 34 mireis no mais pase muito bem eu tou na cidade de S Paulo na cassa do S comgo terza

Teodora

Carta 4 – Ao irmão do ex-senhor, outubro de 1866

Illmo. Senhor demicianno dia da cunha

em são paulo 30 de otro... de 1866

eu i hetima que eta va acha o a VS com muita filicidade com para mim dezeio noto bem para

V S mi faça o favor de mi mamda eta crata para cidade da linnerra para meu marido luiz da

cunha

tiadora da cunha

[Sobrescrito]: Illmo. senhor demiciano dia da cunha

para cidade de Soltucava

Carta 5 – Ao marido, mesma data

Illmo. Senhor Luiz da Cunha em São paulo 20 de otu... de 1866

Eu [vs?] hetima muito que eta que Vo m gonzamdo e a sua filicida como para min dezeio noto

bem para mi fazer o favor de vi por o nata falla com migo sem falta mi falta 198 milreis para

minha liberdade no mais mi mamde a repota desta para o senhor demicianno na cidade de

Solcrava sem falta no mais eu itou pagamdo como huma icrava deste pader mavado no mais

a Deus a Deus a ti hun dia que Deus ne ajumde com sua garça devina mizeicode no mais sou a

sua mulhe

tiadora da cunha dia

[Sobrescrito]: Illmo Senhor Luiz dia da cunha

seja itegue para o icravo do senhor João dia da cunha na cidade da linnerra

Carta 6 – Ao filho, em novembro de 1866

Illmo Senhor inossenço

em Sao Paulo 20 de novembor de 1866

Meo filho eu [vs?] hetima muito e a sua saude como para mim dezeio noto bem pa voes mi mamdra scrita como vai de saude no mais eu bosto a minha bencão Deos te abeso para muito tempo ti de saude como para mim deze noto bem para

Sou a tua mai tiadora no mais a Deos

[Sobrescrito]: Illmo senhor nocenso

numa falzemda de pasto livre no [?] Judiahi

Carta 7 – Ao senhor Cônego Terra

Meu senhor

Eu tive hum avizo de noute vinhame e me falava dizado que compriçe a promeça que promiti de vortar para minha terra esta conga que fala comigo diz que çeu moredo aqui não comprarei pormeça que [?] eu e nem Vnce não cupriu esta promeça por meu pai foi compado deu ser vidia porque deos não quer que se aparte coga de preto de Agola meu senhor Vnce e repossado de de ajumtar [?] e eu isto quere de me fora quero que de lisesa para eu tira ismola nos domingo pa hi dando pa senhor eu ja tenho 4 milreis e Vnce já tem 9milreis na sua mão escrava de Vnce

Tiodoria

A cidad



Antiga Igreja do Milhão Augustino



Largo da Cadeia Pelourinho e arredores de Salvador